

## Mês da Criação

*Teresa Vasconcelos  
CNJP*



*Diz à Primavera: Estende o teu manto de nuvens e enfuna as velas sobre os lugares  
onde decorreram as minhas brincadeiras infantis.*

*Não faltes, Primavera, que as minhas lágrimas correm atrás de ti em longas vagas.*

*Mistura ao perfume da minha saudação a humidade da tua nuvem e asperge  
aquelas e aqueles que amo.*

Ibn Darrag, poeta muçulmano (958-1030)  
Inscrição no Forte de Cacela-a-Velha, Algarve

Como todos os anos estou em Cacela-a-Velha face à formosa Ria Formosa que se desenrola a meus pés a partir do Castelo. Experimento um profundo sentimento de comunhão com o cosmos, quase que me “diluindo” na natureza. O dia entardece e um céu vermelho-laranja desenha-se no horizonte. Há uma misteriosa tranquilidade que se instala em mim, na certeza de que sou apenas um fragmento de Algo que me transcende. O mundo, a natureza, as pessoas, foram depositados em minhas mãos para simples gestos de cuidado.

Quem sou eu? Que posso fazer? Como «aspergir aqueles e aquelas que amo»? Como «cuidar da primavera» quando assistimos ao diluir das estações do ano? Que fizemos da criação, mais uma vez me pergunto? Como trabalho/trabalhamos para uma “ecologia integral”? Vivemos na permanente ameaça das alterações climáticas causadas pela sofreguidão dos homens e das mulheres. Quem paga são os mais pobres, os menos protegidos, os mais vulneráveis. Estamos a transformar o jardim do Éden num deserto. Prevalece a lei do mais forte sobre o mais fraco.

Em contraponto, como afirma o documento preparatório do Sínodo sobre a Amazónia, queremos «praticar uma espiritualidade praticada com os pés na terra» – bem enterrados nela! Afirma ainda este documento que «devemos ser capazes também de perceber as coisas que estão presentes nas culturas, e que, por serem históricas, necessitam de purificação, e [se tornam] capazes de trabalhar pela conversão individual e comunitária, cultivando o diálogo nos diferentes níveis». Como entender esta advertência à luz do meu contexto europeu? Sou capaz de estender a minha solidariedade a todos os pontos da terra? Serei capaz desta “espiritualidade intercultural” que nos ajuda a interagir com a diversidade dos povos e suas tradições? Devemos somar forças para cuidarmos juntos de nossa Casa Comum. Devemos passar da tentação de “devorar” tudo para satisfazer a nossa voracidade à capacidade de sofrer por amor, que pode preencher o vazio do nosso coração.

O papa Francisco afirma: «Há uma ligação entre questões ambientais e questões sociais e humanas que nunca pode ser rompida (...) não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise sócio-ambiental» (Papa Francisco, *Laudato Si'*, n.º 139). E acrescenta: «É preciso adoptar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras, e que exige limitar, o mais possível, o uso dos recursos não renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando. A resolução desta questão seria uma maneira de contrastar a cultura do descarte que danifica todo o planeta» (papa Francisco, n.º 22).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS 2015-2030) apontam para 17 objectivos e 169 metas. A este propósito Luísa Schmidt fala de uma **narrativa da sustentabilidade** – procura novos paradigmas de prosperidade e desenvolvimento, diminuindo o consumo de recursos, travando a degradação ambiental e reduzindo as desigualdades sociais.

Um enorme desafio. Uma missão “quase impossível” a não ser que rezemos. Para tal é preciso entrar no *deserto*. Saborear o silêncio. Parar para contemplar. Estar só. Respirar simplesmente. Deixar-me invadir pelo belo, pelo bom, pelo justo. Permanecer em atenta escuta, olhando o horizonte mais amplo da minha vida. Balbuciar o nome de Deus, do inominável, do mistério que me transcende e me assiste.

Quero poder dizer alto uma e outra vez:

Louvado sejas, Senhor!

Pela beleza da terra e dos mares que criaste.

Pelos povos que habitam esta terra, na sua diversidade e completude.

Pelos homens, pelas mulheres, pelos velhos, pelas crianças.

Pelo dom da criatividade que nos leva a sermos cocriadores contigo,  
capazes de trazer contributos culturais e estéticos para a beleza do mundo!

Pela música, pelo dom da voz, pela arte.

Louvado sejas, Senhor!

Pelas nossas famílias, dom que nos depositaste nas mãos para que cuidemos delas.

Pelos amigos, pelas comunidades em que nos inserimos e onde encontramos sentido.

Pela alegria, pelo canto, pela poesia, pelo belo, pelo Belo! Pelo Bom e pelo Belo.

Louvado sejas, Senhor!

Pelas horas menos boas, mais escuras, na certeza de que delas emergirá esperança e dom.

Pela doença que se pode transformar em caminho de santificação.

Pela privação física e mental que nos pode levar a uma humildade redentora.

Pelos momentos de purificação em que, depois de experimentarmos a nossa pequenez,  
nos sabemos filhas e filhos de Deus.

Pelo dom do Amor, da Gratuidade, do Silêncio, do Vazio, do Nada...

Louvado sejas, Senhor!

